

“VAI BUSCAR QUEM MORA LONGE” “SONHO MEU” OU “TAMBOR” OU LÁ AONDE A FLECHA APONTA

Para Mãe Concheta e Dona Toinha

Rafael Haddock-Lobo¹

APRESENTAÇÃO

Boa noite. Sempre começo com boa noite e gosto de, mesmo na escrita, preservar essa saudação para que todo mundo tenha, junto, uma boa noite: seja assistindo ou lendo, folheando ou deslizando a tela do computador. E sempre, também, como aprendi com Derrida, uma espécie de Magrebino Velho, ou caboclo judeu árabe, peço perdão.

Peço perdão por escrever quando vou ler para uma plateia e peço perdão quando vou reproduzir palavras faladas para leitores. Mas a confusão entre fala e escrita sempre motivou nossa crítica ao conceito de linguagem ocidental. Não? Mas, sobretudo, neste dia em questão, ou naquele dia em questão para os que estão lendo agora, eu pedia e peço perdão por escrever ao longo da madrugada, com sono e os olhos cansados, que nunca farão justiça à honra de tecer as últimas palavras do lindo acontecimento que tive a honra de organizar junto à minha querida amiga Thamara Rodrigues².

Honra e responsabilidade, portanto, de ecoar tantos encantos que alinhavaram essa semana, que me aterrorizam até esse momento e que só consigo co-responder em forma de texto, ainda que neste texto tecido à noite e que pretende apenas isso: responder ao encanto. Mas como se corresponde ao encanto? Isso é possível em uma escrita ou apenas em sonho? E uma escrita que corresponda ao encanto tentando fazê-lo em forma de sonho, epistemológica

¹ Professor do Departamento de Filosofia da UFRJ e dos Programas de Pós-graduação em Filosofia da UFRJ e da UERJ e do Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (FIOCRUZ/UERJ/UFF/UFRRJ). Atualmente desenvolvo pesquisa de Pós-Doutorado no Programa de Pós-graduação em Filosofia da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), sob a supervisão do Prof. Dr. Marcelo de Mello Rangel, a quem agradeço imensamente a interlocução. Endereço eletrônico: rafael@ifcs.ufrj.br

² Este texto foi apresentado no encerramento do evento “Humanidades Encantadas”, em mesa intitulada “Encantamento e Sonho”, que dividi com as professoras Elisa de Magalhães (PPGAV-UFRJ) e Thamara Rodrigues (UEMG), essa última organizadora do evento comigo, que aconteceu entre os dias 18 e 22 de outubro de 2021 e foi transmitido no Youtube® do Laboratório X de Encruzilhadas Filosóficas (<https://www.youtube.com/watch?v=RQ1xWzmcM0&t=1202s>). Aqui apresento uma versão reescrita e modificada, mas que pretende manter a tonalidade e a sonoridade pretendida quando da apresentação.

e oniricamente num mesmo gesto - isso é possível? Ou, uma vez mais, me lanço aqui na tentativa gozoza e frustrante de escrever sem parar em nome do impossível?

Contudo, sigo...

Sempre quis ser escritor. Escrever é o que me motiva e me encanta, desde garoto. Escrevo porque sou encantado pelas palavras que leio e finjo sempre acreditar que só sou capaz de corresponder ao encanto na escrita, seja em um texto acadêmico, seja em uma demonstração pública de afeto, como essa que faço aqui, seja em uma letra de música, o que hoje em dia Luiz Antonio Simas me fez acreditar que sou capaz³. E talvez este texto quisesse ser isso tudo: artigo, carta de amor, música... Enfim, um sonho.

E como sou péssimo com palavras faladas, que só transparecem minha ansiedade, meu jeito brincalhão demais e minha irresponsabilidade (ainda que reivindicada e auto-garantida), escrevo. Ainda que, aqui, me desculpando, novamente. E o faço pedindo a força de Iansã e Iemanjá para esta escrita, inicio meu texto:

Eram duas ventarolas
Duas ventarolas
Ventando no mar
Eram duas ventarolas
Duas ventarolas
Ventando no mar
Uma era Iansã, Eparrei!
A outra era Iemanjá, Odôciá!⁴

O TERREIRO E OS SONHOS

Este texto é dedicado à Dona Maria Toinha, que nos ensina sonhos encantados e que desinventa o mundo com sua boca (portanto, é dedicado também a Marcos Andrade, que nos ensina a escrever com os ouvidos de quem guarda os sonhos no coração) e dedicado a Mãe Concheta e Seu Pena Verde, que sempre me permitiram aprender a sonhar, todas as sextas-feiras, no bairro de São Cristóvão, ao longo de tantos anos de minha vida.

³ Refiro-me aqui ao projeto Fundanga, no momento da escrita do texto ainda desnordeado e sem proposta concreta, mas que, entre 2023 e 2024 acabou formando o EP Fundanga, com melodias de Simas e letras minhas e com cantores convidados para interpretarem as canções. Disponível em: Spotify@: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/75Btx1eRntgTreYhehgyNK?si=8PxLND21QdyaLbg-58To1g>; no Youtube@: <https://www.youtube.com/@Fundanga>. Acesso em: 16 nov. 2024.

⁴ MATÍAS, Ty Oxaguiã. Eram duas ventarolas: Iemanjá e Iansã. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HXn3MnVHbN0>. Acesso em: 16 nov. 2024.

Mas o que eu teria, então, a dizer sobre encantamento e sonho?

Nunca escrevi sobre o sonho. Nunca me atrevi. A vontade de escrever sobre o sonho se deu apenas para estar aqui, nesta mesa, ao lado de Thamara Rodrigues, que vem me estimulando a pensar o sonho, sonhando. Talvez, para escrever pra ela. Talvez, para algumas outras pessoas que me fazem sonhar em escrever sobre o sonho e que me ensinam, como Eduardo Oliveira, o Duda, disse na mesa de abertura, que certos sonhos “antecipam-na, já a tecendo, a realidade”.⁵

Quando se aproximava esse momento de “ajuntar” os retalhos que tinha para preparar aquilo que eu falaria naquele dia, e ainda mesmo depois para tornar minimamente publicável meu devaneio, eu nada sabia, nada me fazia sentido senão uma ideia que ainda, em mim, persiste: é isso que tento aqui, diante de vocês, agarrar, e que me faz pensar que *a entrada em um terreiro é sempre uma passagem para o mundo dos sonhos*.

Apenas isso eu teria a dizer. Uma hipótese, se hipótese for entendida como aquilo que nunca se dá à comprovação empírica e que pertence, desse modo, à *hiperempíria*⁶. Para mim, *macumba é sonho*, sonhos esses que, segundo Duda, antecipam a realidade na medida em que, na antecipação, já estão a tecendo; esses que a cada vez, singularmente, desinventam a vida, como nos ensina Dona Toinha: seja na luz da lamparina e nas cabaças de Adilbênia Machado, no cair dos búzios e dos ikins de Duda⁷; nas pedrinhas miudinhas e nos trens da Central de Simas, nas folhas e encruzas de Rufino⁸; nas flechas e canetas de Beto e Márcia⁹; nos caroços de dendê de Mãe Beata¹⁰ ou nas Humanidades Encantadas de Thamara Rodrigues¹¹. *Macumba é sonho*, repito, e os mestres macumbeiros, vivos ou encantados, encantados em vida ou não, são mestres dos sonhos que nos abrem esse outro mundo, no qual o sonho é a única (hiper) realidade.

No entanto, se consigo aqui, hoje, reunir esses tantinhos de anotações e trazer algo pra vocês é porque, nesse mundo de sonhos e encantos, há pouco mais de uma semana, eu me

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sOPYcgNrsRg&t=2972s>. Acesso em: 16 nov. 2024.

⁶ Termo que venho cunhando ao lado de Marcelo de Mello Rangel. Eu, a partir de Derrida, Preciado e das epistemologias das macumbas; ele, a partir de Benjamin, Freire, hooks e outros.

⁷ Referência à mesa “Encantamento e Ancestralidade”, com Eduardo Oliveira e Adilbênia Machado.

⁸ Referência à mesa “Encantamento e Política de Vida”, com Luiz Antonio Simas e Luiz Rufino.

⁹ Referência à mesa “Encantamento e Poesia”, com Marcia Kambeba e Alberto Pucheu.

¹⁰ (YEMONJÁ, 2023).

¹¹ Referência à fala de Thamara Rodrigues na mesa “Encantamento e sonho”.

sentei no terreiro de Dona Maria Toinha, na Antiga Lavagem, hoje Trairi, no Ceará. Sentei, na areia fria, quando Maria Toinha, pra “encher a boca da noite”, nos contava seus sonhos de mundos encantados. E, a cada doutrina que Vó Toinha cantava, ela alimentava a boca da noite, recuperando sonhos que nos pareciam perdidos e impedindo, assim, que a noite engolisse o mundo.¹²

Seu neto Marcos, também ele um poeta encantado, nos conta em seu livro *Os encantos de Maria Toinha* que

O sonho é muito importante na experiência de Toinha como Mãe de Santo. Ela se desenvolveu nas encantarias, aprendendo parte dos fundamentos de sua religião através dos sonhos (...) Maria Toinha viaja em sonhos, circula por mundos desconhecidos e conhece coisas que não chegam de outra forma a este mundo. Maria Toinha é (...) canal para que sonhos de outros mundos ventilem essa terra (Santos, *no prelo*).¹³

E foi em uma visita dessas, não sabendo se foi sonho ou não, mas isso pouco importa nessa realidade mais real que qualquer realidade, que sonhei esse texto que Maria Toinha me ventou.

Chorei com a Vó, sonhei com a Vó. E, no sonho, à beira de seu fogão a lenha, ela me mandava contar meu sonho. Meu sonho que é minha vida. Uma vida cheia de apagamentos, rasuras das quais preciso correr atrás, de uma ancestralidade com a qual devo lutar, por esta ter tentado apagar todas as outras, de uma geografia e uma história que se impõem a mim pela colonialidade de um sobrenome. Nesse sentido, tudo que aqui escrevo só começa a tomar forma quando sento em frente ao fogão a lenha de Dona Toinha.

Dona Toinha me conta, nesse sonho que se chama *A mística dos Encantados*:

Dentro de minha cozinha existe um fogão à lenha, feito de barro amassado. Ele está encostado em uma parede também feita de barro pelas minhas próprias mãos para ele. Neste fogão, eu cozinho meu sustento mais precioso, o feijão, fruto desta terra sofrida. Desde que era menina, me acostumei com esse alimento simples, de modo que não saberia viver se ele desaparecesse. Costumo pensar que se os agricultores desaparecessem e não houver ninguém mais para plantar feijão, então eu mesma deixarei de florescer com a ausência de suas flores e murcharei para sempre (Santos; Santos, 2020, p. 25).¹⁴

¹² Referências entre aspas a termos de Maria Toinha em *A mística dos encantados*, que citarei mais à frente.

¹³ Agradeço ao Marcos pela possibilidade de leitura de seu manuscrito,.

¹⁴ O livro *A mística dos encantados* faz parte de uma belíssima trilogia escrita oralmente por Maria Toinha, acompanhada das letras de seu neto Marcos, junto de *Caminhos encantados* e *Lavagem encantada*, três dos livros mais potentes que já li para pensar o encantamento.

A ligação de Maria Toinha com sua terra, com o chão que ela pisa e que lhe alimenta, se dá através desse fogão, que lhe acende o passado e que lhe permite que ela, *caminhante do antigamente*, aqueça-se com o passado para encantar nosso presente. Essa retirante às avessas, que sai do litoral durante a seca de 1958 para encantar o sertão, e que, nas suas pisadas pelo chão de terra, desinventa a umbanda, nos diz o seguinte, ainda sobre o fogão:

O fogão a lenha sempre foi uma coisa muito bonita para mim por causa do passado e das distâncias que venci com os pés. Ao final de cada jornada, me esperavam duas coisas: a quentura de um fogão de lenha e um café igualmente quente. Era perto dele que nos assentávamos para narrar os caminhos pregueados em nossas peles. Depois de tanto caminhar, aprendemos a desejar somente aquilo e, ao avistar ao longe uma fumacinha, nossos corações pulavam de alegria, pois isso significava que um pouso quente poderia estar nos chamando (Santos; Santos, 2020, p. 25-26).

E conclui: “Nunca pude deixar de ter um fogão a lenha numa casa minha por causa de meu pertencimento ao passado que foi forjado na sua luz” (Santos; Santos, 2020, p. 26).

E confesso aqui, uma vez mais, de coração aberto, que só consigo ter algo a falar hoje, ainda emudecido pela emoção de ouvir Dona Toinha, pois sentar junto a ela, à beira de seu fogão, ou sob a boca da noite em seu terreiro, perto do cajueiro, me fez sonhar com minha Mãe de Santo, a encantada Dona Concheta.

OS SONHOS E OS VENTOS

Sonhei que no meio da mata
junto a uma cascata
Um caboclo encontrei

Pedi ao Pai Oxalá,
a Xangô e Iemanjá
Sua aldeia deixei

Ouvi gritos e chamados
Corre serra, corre mato
E até que ele chegou

Na alegria e na dor
Ele é seu Pena Verde
Nosso pai e protetor.¹⁵

¹⁵ Ponto de chegada do Caboclo Pena Verde, guia-chefe do Centro Espírita Caboclo Pena Verde, dirigido pela falecida Mãe de Santo Concheta Perroni, na rua São Januário, Bairro de São Cristóvão, Rio de Janeiro. Todas as sextas-feiras, às 19 horas, o ponto entoava a vinda do chefe do terreiro, que abria a porta dos sonhos para nós que lá estávamos à espera de seu brado. Por se tratar de uma casa vinda de tradição antiga, muitos de seus pontos cantados não se encontram, como esse, disponíveis na rede.

Toda sexta-feira, ia eu para a aldeia de Seu Pena Verde, situada na rua São Januário, no Bairro de São Cristóvão, no Rio de Janeiro. Nunca havia percebido que, após a mística da fumaça do defumador, que eu acendia e encruzava o terreiro na maioria das vezes, a gira começava na anunciação de um sonho e que, no sonho, Seu Pena Verde nos aparecia.

Então, pensar que a gira tem seu começo com o sonho no qual os encantados nos aparecem¹⁶ pode nos ajudar a firmar a ideia de que, talvez, *o sonho seja sempre o começo da gira*, o que possibilita os aparecimentos encantados e que, portanto, seja justamente *o que faz a gira girar*. Se “Meu pai vem de Aruanda e a nossa mãe é Iansã”¹⁷, como cantam Os Tincoãs, para firmar que a umbanda deixa a gira girar, a Dona dos ventos talvez seja uma das grandes inspiradoras de sonhos, trazendo-os sob a brisa ou tempestade e, como ensina Dona Toinha, ventilando oniricamente essa terra.

Um ponto cantado nas Umbandas, dedicado a Iansã, conta-nos o seguinte (pois isso são os pontos cantados, contações de histórias que revelam em segredo todo o sagrado):

Sonhei um sonho lindo
Sonho tão lindo que me encantou
Eu me banhava com as águas da Oxum
Que desciam da pedreira de Pai Xangô

Tempo virava
Ventos e um trovão roncou
Era a bela Oyá
Que nos meus sonhos vinha para me ajudar

Ela bailava sem ter os pés no chão
Com sua espada e seu cálice na mão
Era Iansã me dando a sua proteção.¹⁸

Assim como a fumaça do defumador e o cruzo dos cantos do terreiro preparavam a abertura desse portal para os sonhos, os ventos de Iansã parecem ter essa mesma função

¹⁶ Este texto alinha-se a uma possível *filosofia da gira* e suas *ontologiras*, *epistemologiras* e *metodologiras*, que venho trabalhando há alguns anos e que se encontram presente nos textos “A gira macumbística” (HADDOCK-LOBO, 2020), “Deixa a ontologira girar” e “Caminhos abertos” (HADDOCK-LOBO, 2022a) e “A epistemologira Dos Santos” (HADDOCK-LOBO, 2022b).

¹⁷ Os Tincoãs, “Deixa a gira girar”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=zrymjzHIYEW>. Acesso em: 19 nov. 2022.

¹⁸ Ponto de Iansã. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=k2abZ6KCwbU>. Acesso em: 18 fev. 2024.

encantada, ventando sonhos que, como cisma Rufino nas nossas *Arruaças*, precisamos aprender a apanhar¹⁹.

Uma outra doutrina²⁰, e Dona Toinha nos ensina que quando se fala de doutrina em macumba só se pode cantar, firma o seguinte:

Oyá ô bela Oyá Oyá ô bela Oyá
Virou o tempo para tempestade
Vento, raios e trovões
De repente ela chegou
Era a bela Oyá que vem nos ajudar
Oyá ô bela Oyá Oyá ô bela Oyá
Ela veio, me pegou nas minhas mãos
E gritou eparrei, e gritou eparrei
De repente eu acordei ²¹

Os ventos que trazem e levam sonhos, que nos adormecem e nos acordam, agitados pelo sopro do eruexim ou pelos laços de boiadeiros, fazem a gira girar simplesmente porque nada mais são do que o próprio movimento do encantamento. Gira é movimento, é vento circulando, é sonho em redemunho, que vem dos ares e das águas. E, se o ponto com o qual abri o texto canta que “eram duas ventarolas, duas ventarolas que ventavam sobre o mar”, e explica que “uma era Iansã, ô eparrei, e a outra era Iemanjá, Odôciaba”, então a Mamãe Sereia também deve estar junto nessas giras que provocam tantos encantos.

De um lado a senhora que trabalha no tempo, pode chover, trovejar, relampear, pois ela, Iansã, “ela é sol, ela é chuva, ela é vento”²²; do outro, a seu lado, a Mãe d’água, rainha das ondas, sereia do mar, cujo canto bonito, quando tem luar, faz até o pescador chorar²³.

O ponto que abre esse texto, e que vê as duas ventarolas ventando sobre o mar, vejo-o também vibrando nas laçadas no ar do Vaqueiro João ou nas varas, linhas e anzóis do Pescador Martim, nas flechas lançadas pelos caboclos ou mesmo nos rodopios de erês, exus e

19 Referência ao artigo “Apanhador de sonhos”, de Luiz Rufino, em *Arruaças: uma filosofia popular brasileira*, de 2020.

20 “Doutrina” é como Dona Toinha se refere aos que nas umbandas cariocas chamamos de “pontos cantados”. As “doutrinas” são sempre cantadas, e o encanto impescinde do canto.

21 Ponto de Iansã, não encontrado nas redes.

22 Referência ao ponto cantado de Iansã, não encontrado na rede, que diz o seguinte: “Ô Iansã, ela é sol, ela é chuva, ela é vento / Ô minha mãe, a senhora trabalha no tempo / Pode chover, trovejar, relampear / ela trabalha na Umbanda sem parar”.

23 Referência ao ponto cantado de Iemanjá “Mãe d’água, Rainha das ondas sereia do mar / Mãe d’água, seu canto é bonito quando tem luar / Mãe d’água, Rainha das ondas sereia do mar / Mãe d’água, seu canto é bonito quando tem luar / Como é lindo o canto de Iemanjá / Faz até o pescador Chorar / Quem escuta a Mãe d’água cantar / Vai com ela pro fundo do mar”. Para ouvir: https://www.youtube.com/watch?v=sCgsI_eZ8Jw. Acesso em: 18 nov. 2022.

pombagiras, - são todos gestos que apenas nos convidam a esse tipo de sonho, a esse “trabalho” de encantamento, a *fazêvu um trabalhado* que nada mais é que escutar o canto das sereias e ir com elas para o fundo do mar, tal como Dona Toinha, em sonho, em seus *Caminhos encantados*, nos ensina.

A lindeza das umbandas, sempre no plural, conquanto até hoje as pessoas não tenham entendido isso, consiste em que, em cada aldeia, ali se encontra o ensinamento de seu cacique. Não há *o certo* ou *o errado*, segunda essa lógica binária ocidental. todas essas aldeias, terreiros, casas ou como se queiram chamar, são todas muito iguais, ainda que diferentes demais. *Iguais no encantamento, diferentes nos encantos*. Quem não aprendeu isso, quem acha que macumba é lugar de normatividade ou determinações universais, que busca origens únicas ou fundamentos determinantes, não entendeu nada sobre a *singularidade do encantamento*: que ele acontece, como falou Simas, quando há, de nossa parte, *disponibilidade*; mas, mais ainda, sem precisar de preparações metodológicas ou circunstâncias privilegiadas em nossas esferas de existência, que ele pode acontecer, a despeito de nós mesmos, nos momentos mais inusitados de nossas vidas: como a menina com laço de fita, escrita por Guará e encantada por Jovelina, batucando na marmita, pra não ver o tempo passar, se esquecendo da tristeza quando o trem avariar²⁴.

E a filosofia? Não deveria ela também ser algo assim? Essa terra de encantos únicos e brilhantes em suas singularidades e miudezas na “moída no asp’ro” do dia a dia, no “olho do redemunho” e não apenas nos “range-redes”²⁵ da vida? Talvez esse seja o meu sonho e que, possa um dia, haver uma luta pela democratização da própria ideia de *encantamento*.²⁶

Mas, voltando aos encontros encantados, nesses sonhos vividos, nesses *Caminhos encantados* de Dona Toinha, também aprendi que os cavaleiros encantados vêm do mar, e quase pude sentir as ondas batendo em meus pés e a brisa do mar de Paracuru, molhado pelas

24 Uma referência à fala de Luiz Antonio Simas na segunda mesa do evento. Simas falava do encantamento que é produzido no espaço urbano, nas favelas, nos trens, como as flores que nascem no lodo. Simas refere-se à canção “33, Destino Dom Pedro II”, de Guará e Jorginho Das Rosas, gravado estrondosamente por Jovelina Pérola Negra. Para ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=BmzB-qPD71U>. Acesso em: 18 nov. 2022.

25 Referências aos termos utilizados pelo jagunço Riobaldo em *Grande Sertão: Veredas*, de Guimarães Rosa.

26 Isso, nos termos que eu e Marcelo José Derzi Moraes temos tentado firmar na perspectiva da “desconstrução da colonialidade”, é fundamental para uma *concepção democrática de encantamento*. O encantamento não pode ser pensado apenas nos espaços rurais, aldeias ou quilombos, embora seja este seu ambiente mais propício de acontecimento. As diferentes diásporas para os centros urbanos levam consigo seus encantos, que ali permanecem conservados e, até mesmo, porque não, potencializados. Não seria essa a força do Mangue Beat da Ciência de Chico, dos Silvas dos Funks cariocas, dos sambas e das macumbas urbanas?

gotas que respingam do cascudo em nosso corpo. Como se lá, conhecendo Mestre Antônio de Mel, ele me cantasse a doutrina de Rei Tubarão, que nos conta que:

Tubarão é peixe feroz
Sombreiro peixe do mar
Abre os portões da Jurema
Pros encantados passar ²⁷

O mundo onde mora todo esse “povo do mar” (como minha mãe, mãe biológica aqui, gostava de falar, juntando nessa ideia de “povo” orixás, serieras, caboclas, erês, marinheiros, piratas, pombagiras etc.), abre-se a nós através das ondas que Iemanjá, lá em alto mar, nos manda. É ela, ensinou-me minha amiga de sempre Mariana Blanc, quem está lá, depois da arrebentação, nos mandando ondas de sonho, de encanto, por sobre as quais encantados cavalgam até chegarem a nós. E aí de quem quiser que Iemanjá engula de volta suas ondas – o mundo seca, os sonhos se esmilinguem, e os encantados se retiram. Aliás, esse processo de engolimento de ondas do mar não seria a mesma coisa que o tal *desencantamento do mundo*?²⁸

Sonhei que estava na beira da praia, olhando as ondas do mar
No céu tinha muitas estrelas, a lua estava a brilhar
Perdido no mundo eu estava, sem ter onde ficar
De repente uma voz me falou baixinho, tenha fé em Oxalá
Era ela nas ondas do mar
Que coisa mais linda Mamãe Yemanjá
Era ela nas ondas do mar estendendo suas mãos
Para me abençoar ²⁹

SONHOS EM CORRENTEZAS

Queria – ou talvez, deveria – terminar por aqui. Mas queria fazer duas breves digressões, que no fundo são a única e a mesma, pois são musicadas pelos encantamentos de minha vida na macumba de Dona Concheta, nas terras de Pena Verde, mas que só foram paridas pelas mãos oxúnicas de mestre Simas.

Sempre quis ser escritor. Assim comecei esse texto. Mas escrita, para mim, não se separava entre prosa ou poesia. Essas coisas estavam juntas e, sempre, junto de uma musicalidade, da música e do ritmo. Escrever, para mim, mesmo em meus textos mais acadêmicos, em que imitava a seriedade daqueles que não sabem brincar, eu me preocupava

²⁷ Doutrina de Rei Tubarão, em *Caminhos encantados*.

²⁸ Refiro-me diretamente ao conceito de Weber.

²⁹ Para ouvir: <https://www.youtube.com/watch?v=wQIsUtlzBCQ>. Acesso em: 18 nov. 2024.

em “escrever bem”. Mas “escrever bem” não era me ater à sintaxe e à ortografia apenas. “Escrever bem”, pra mim, sempre foi querer “escrever bonito”³⁰, que as palavras no papel trouxessem beleza ao mundo. E isso só se faz com música.

E devo agradecer ao Simas que, salvando minha sanidade mental, resolveu musicar algumas palavras minhas e, ainda mais, pedir algumas palavras minhas para suas melodias. Essa nova escrita, que pede palavra pro som, que pede que minhas letras deem forma a uma melodia e a articulem, tem sido minha maior alegria, como se as teclas de meu computador pudessem se aproximar minimamente da marmita e que eu, como a menina de laço de fita, conseguisse, com isso, não ver o tempo passar.

E preciso agradecer também à Fabiana Cozza, pela grandeza arrebatadora de sua voz que, com seu canto que vem dos pés e que herda em seus passos a pisada dos caboclos, o *vagarinho* de Dona Ivone e as coisas da antiga de Clara, tornou-se uma grande amiga desses tempos de isolamento, antes mesmo de ela saber que era minha amiga, pois *Dos santos* foi o álbum que mais ouvi e que mais me inspira a escrever essas e outras coisas.³¹

Mas aqui chega o meu máximo espanto: o que eu não havia até agora percebido é que as duas primeiras letras que escrevi em minha vida se revelam, elas, também, em sonho, como em um sonho daqueles tão reais que desinventam o real, como um “sonho meu”³² que

30 “Escrever bonito” é como Carolina de Jesus, em encontro com Clarice Lispector, refere-se à escrita desta. Esse lindo encontro, de admiração mútua, foi marcado pela estima de Carolina pela boniteza da escrita de Clarice e pelo apreço de Clarice pela escrita verdadeira de Carolina.

31 Sobre isso, escrevi posteriormente a essa palestra o texto “A epistemologira Dos Santos” (HADDOCK-LOBO, 2022b). Indico a leitura desse artigo, mas, antes, indico mais fortemente ainda a escuta da grande obra que é “Dos Santos”, de Fabiana Cozza: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/6HhJcF7yFhjgc0uSuPPMVa?si=U2I8owLtRp-6-NziMrnpg>. Acesso em: 18 nov. 2024.

32 A referência a “Sonho meu”, de Délcio Carvalho e Dona Ivone Lara, já tinha acontecido no artigo Sonho meu (ou a festa que Derrida me deu), em Abre-caminho: assentamentos de metodologias cruzadas (HADDOCK-LOBO, 2022a). Nesse sentido, o título deste artigo, “Vai buscar quem mora longe”, pode pretender que este texto seja uma continuação daquele, seguindo a lógica da grande Dona Ivone, mestra dos sonhos e amiga de Nize da Silveira, que nos faz sentir “o canto da noite na boca do vento”. Para ouvir Dona Ivone: <https://www.youtube.com/watch?v=qxkdHuBq1Tw>. Acesso em: 18 nov. 2024. Mas esse “Canto da noite na boca do vento” é também o álbum de Fabiana Cozza dedicado a Dona Ivone, que merece uma escuta atenta às sabedorias populares ali apresentadas: <https://open.spotify.com/intl-pt/album/7gIRWK0vC45C6g6RJitFij?si=BzagbON8TAqGcKjGQHua1A>. Acesso em: 18 nov. 2024.

Mas, também, e aí reside uma pegadinha que marca o subtítulo deste texto, o “Vai buscar quem mora longe” pode se referir ao tambor cantado por Almir Guineto (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GTcC5uaFBIc>. Acesso em: 18 nov. 2024), que ecoa o ponto cantado que chama todos os orixás para trabalharem nas Umbandas (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-PqllhN6ggI>. Acesso em: 18 nov. 2024). Em todo caso, este texto nada mais é que uma tentativa de chamada dos encantados para nos ajudarem nesse solo árido e infértil, desencantado, que é a academia.

vai buscar, com a palavra, *quem mora longe* e que eu, como aprendiz de feiticeiro, sob os encantos do mestre Simas, respondo.

A primeira letra de música que escrevi foi “No dia que eu batizei”, uma resposta à melodia de toada que Simas compôs e que conta as impressões oníricas de meu batismo no Centro Espírita Caboclo Pena Verde, em 2003, pelas mãos de Seu Pena Verde e Pai Joaquim, tendo como padrinho o Caboclo das Sete Flechas e das Sete Lanças, e como Madrinha Iansã, que aqui, hoje, trouxe-nos seus ventos encantados em uma de suas muitas ventarolas. Reproduzo a letra abaixo, e indico a escuta na *voz-tambor* de Fabiana Cozza:

No dia que eu batizei, Pai Joaquim mandou chamar
Os ventos de eparrei, as ondas de odoiá
E quando eu mal cheguei, Caboclinha mandou pisar
Nas folhas que eu catei nas matas do Juremá

Foi quando eu vi o rei, lindo com seu cocar
Pena Verde salvei, no pé do seu congá

Sete flechas, sete lanças, sete encruzas, sete espadas
Boiadeiro vem com a dança, chamando a marujada
Preto Velho mandingueiro vem de Minas, vem de Angola
Foi chamar o Marinheiro que chegou com sua viola

Eu ouvia gargalhada e assobio
Um alto brado me chamando de seu fio
Não sabia nem se estava acordado
No dia que eu batizei, meu ponto tava riscado

No dia que eu batizei, Padilha mandou buscar
Os lírios de or iêiê, e as pororocas de Obá
Os arcos de Oxumarê e as íris de mãe Euá,
Ó mãe Nanã Buruquê, traz os panos de epa babá

Na tronqueira deitei, vi o toco queimar
Seu Tranca saravei, com marafo ao luar

Pedacinhos de Mulambo, de farrapos e cruzeiros
Cadeados de madeira, peneiras de garimpeiros
Salve o sino da igreja, feitiço da juremeira
Salve a lua, salve a estrela, e eu deitado em minha esteira

Ciganinha, com seu canto eu chorei
Me levanta, ao meu lado, Ogum de lei
Nessa hora, eu dormi ou acordei?
Meu ponto tava riscado, no dia que eu batizei
meu ponto tava riscado, no dia que eu batizei
(Simas; Haddock-Lobo, 2024)

Não sabendo ainda se dormi ou acordei, meu ponto estava riscado pela pomba de Pena Verde, e a cada dia vejo mais que meu aprendizado filosófico, poético e político naquela aldeia é ainda maior do que eu posso imaginar.

Aquela que me ensinou que “deixar vir quem tem que vir” é a máxima da “hospitalidade incondicional”³³, aquela que me obrigou a poder um dia ter eu mesmo meu terreiro, mas que esse terreiro poderia ser a sala de aula, a casa de meus amigos, e que meu caminho é *ori-entar*, cuidar da cabeça dos outros, e que isso é o meu “trabalhadô”, ela é quem, hoje, e a cada dia mais, ecoa em meus ouvidos, nas músicas e nos textos que escrevo.

Dona Concheta e sua hiper-ética; Dona Padilha e seu cabaré que acolheu Dona Maceió, que só queria dançar³⁴; Dona Mulambo, que cata as pedrinhas miudinhas que tantos rejeitam³⁵; Seu Boiadeiro, que gosta de samba rasgado³⁶; Pai Joaquim, com seu patuá e sua sacola³⁷; e Seu Pena Verde, que vem descendo a serra³⁸, todos esses traçam o contorno de minha escrita.

CANTOS DE SUBIDA

Mas não poderia terminar, encerrar essa gira encantada das Humanidades Encantadas, sem agradecer *àquele que me cobre com sua capa*. Até porque, não esqueçamos, o encanto dos terreiros apenas reúne os sonhos que se tecem nos mares, nos ventos, nas montanhas e cachoeiras e, é claro, nas encruzilhadas.

33 Mãe Concheta, no desenvolvimento de seus médiuns, dizia “deixa vir quem tem que vir”, tornando o exercício da mediunidade uma abertura ao que não se conhece, semelhante à máxima da hiper-ética de Jacques Derrida.

34 Sobre isso, remeto ao meu texto “Deixa a moça dançar”, no *Arruaças*. Essa história, minha mitologia inaugural com as umbandas, dentro de minha própria casa em 1985, que aparece nesse texto, reapareceu como provocação melódica do Simas, depois, em forma de Capoeira. Se chama “A saga de Dona Maceió” e foi lindamente gravada por Rita Beneditto. Para ouvir: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/6MbNkPizHJ1FpueS46nLCO?si=f28837679195404a>. Acesso em: 18 nov. 2024.

35 Referência ao livro *Pedrinhas miudinhas*, de Luiz Antonio Simas e ao meu texto “Pedacinhos de mulambo” no *Arruaças*. Indico a escuta do ponto de Maria Mulambo: <https://www.youtube.com/watch?v=zRCvhudZrVk>. Acesso em: 18 nov. 2024.

36 Ponto de Boiadeiro: <https://www.youtube.com/watch?v=f3hA3DNp8-8>. Acesso em: 18 nov. 2024.

37 Ponto de Pai Joaquim: “Ele é Pai Joaquim / ele vem de Angola / Com seu Patuá / E sua sacola / A fumaça vem / a fumaça vem / Ele é Pai Joaquim / Tem mironga, tem”.

38 Outro Ponto de Seu Pena Verde cantava: “Seu Pena Verde vem descendo a serra / Seu Pena Verde vem pro Juremá / Seu Pena Verde com seu capacete todo de pena / Vem da Jurema”.

Sim, as encruzilhadas como o lugar em que sonhos se cruzam, cada um potencializando ainda mais o outro. As esquinas como portais onde caminhamos a pé para ver se encontramos nossas ciganas de fé³⁹; os encontros de caminhos que não nos permitem esquecer de olhar para trás quando passamos, pois lá tem morador⁴⁰, sob o sol, a estrela ou a lua⁴¹; em todos os cantos onde os cabritos dão seus berros⁴², que ecoam em portões de ferro e cadeados de madeira⁴³; sinos de igrejinhas que fazem *belém blem blom*⁴⁴; canoas que balançam⁴⁵; barracas velhas⁴⁶; saias de chita⁴⁷; rosas vermelhas, negras e amarelas e as setes faca cruzadas sobre a mesa⁴⁸. Isso tudo, e muito mais, tudo isso que *não é metáfora*, é encanto, é *Odara*.

Ecoo aqui a voz do ogã que bate seu atabaque e canta pra Exu do Lodo, a quem eu saúdo em memória de minha mãe. Ele nos ensina:

Sonhei, um sonho tão real
Meu Exú, meu guardião
Me livrou de todo mal
Tava parado embaixo de uma figueira
Vestia capa, trazia o punhal na mão
Me abraçou, e isto me deu a certeza
Que me pai Exú do Lodo me traria proteção
Saravá Exú, Laroyê
Mojuba Exú do lodo
Traz axé pra este ilê”⁴⁹

O canto do Ogã nos mostra que a terra de exu, mesmo seu lodo mais lamoso, é, ela também, a morada dos sonhos. E foi também, em um sonho que Seu Sete Encruzilhadas falou comigo, que me fez escrever um xote, no qual ele me conta todos os seus segredos, e esses segredos são contados sem nada dizer, apenas através do próprio canto e das invocações. Como muito aqui se viu essa semana, o grande aprendizado do encantamento e com aqueles que ensinam sem pretender mestria, que, cantando, apenas cantando, nos contam tudo,

39 Ponto de Pombagira Cigana: <https://www.youtube.com/watch?v=XAczLuiKr5Q>. Acesso em: 18 nov. 2024.

40 Ponto de Tranca-Rua: https://www.youtube.com/watch?v=jyE_v_vv7E. Acesso em: 18 nov. 2024.

41 Ponto de Tranca-Rua: <https://www.youtube.com/watch?v=Je0mkKrBzvM>. Acesso em: 18 nov. 2024.

42 Ponto de Exu Veludo: <https://www.youtube.com/watch?v=j35fSfaZels>. Acesso em: 18 nov. 2024.

43 Ponto de Exu Caveira: <https://www.youtube.com/watch?v=y1RBDwdFIkg>. Acesso em: 18 nov. 2024.

44 Ponto de Tranca-Rua: <https://www.youtube.com/watch?v=au2cBx5la3A>. Acesso em: 18 nov. 2024.

45 Ponto de Zé Pelintra: <https://www.youtube.com/watch?v=12pMSYN05dg>. Acesso em: 18 nov. 2024.

46 Ponto de Pombagira Cigana: <https://www.youtube.com/watch?v=uCQCIHLstLU>. Acesso em: 18 nov. 2024.

47 Ponto de Maria Mulambo: <https://www.youtube.com/watch?v=JXJEPu-5qSE>. Acesso em: 18 nov. 2024.

48 Ponto de Exu Sete Encruzilhadas: <https://www.youtube.com/watch?v=rP4JZf4ZEx0>. Acesso em: 18 nov. 2024.

49 Ponto do Mestre dos Encantamentos, Exu do Lodo: <https://www.youtube.com/watch?v=913qEz-6hog&t=31s>. Acesso em: 18 nov. 2024.

cantando e contando as doutrinas dos outros, e tudo, está aí: nessas pedrinhas miudinhas, nesses caroços de dendê.

Antes de encerrar este texto dançante com um xote, porque Humanidade Encantada precisa de festa, que é flor que nasce no esgoto, que é a política de vida como afirmação da beleza no mundo, queria tomar a bênção de Maria Moura dos Santos, que me permitiu chamar-lhe de Vó Toinha, um encanto que insiste nesta terra, de Beatriz Moreira Costa, Mãe Beata, e de Concheta Perroni de Souza Brandão, minha falecida mãe. Peço a bênção dessas mulheres das ondas e dos ventos, e de seus filhos, Adailton Moreira da Costa, que tanto me ensina sobre o que é herdar, Marcos Andrade Alves dos Santos, o exemplo de escuta da ancestralidade: encerro essa gira, com Deus e Nossa Senhora, encerro a nossa gira, Zamborê, pemba de angola⁵⁰, com o desejo de um dia poder representar para o legado de Mãe Concheta uma pequena parte da grandeza dos herdeiros-filósofos que vocês são.

Muito obrigado e vamos cantando pra subir com “Sete no Xote”, composição minha e do Simas, e a primeira música que Simas gravou em estúdio, que teve direito a clipe gravado em cemitério e em bar, tendo até o autor desse texto representando o próprio Exu⁵¹.

Seu Sete Encruza num sonho falou comigo
Na hora grande vai chamar o seu amigo
Traz o meu copo, meu whisky e acende um toco
então eu chego, mais vivo que muito morto
O meu segredo eu preciso te contar
Entra na gira para deixar gira girar

É sete, é sete, todo exu só conta sete
É sete, é sete, todo exu só conta sete

E ele veio, me cobriu com sua capa
E só quem sabe que dela ninguém escapa
Com dois charutos, ele tem duas cabeças
O nosso tempo vai até que amanhã
Segura a pemba, toma um gole e não tem medo
Que mais um pouco eu te conto meu segredo

É sete, é sete, todo exu só conta sete
É sete, é sete, todo exu só conta sete

Lá na porteira, eu deixei meu sentinela
Seu Tranca Rua toma conta da cancela
Maria Padilha, mulher de sete maridos
A sua saia, quando roda é um perigo
Dona Navalha engole até o que não come

⁵⁰ Ponto de Encerramento da gira. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MmZItqAN858>. Acesso em: 18 nov. 2024.

⁵¹ Para assistirem ao vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=LGeDwSxfsOM>. Acesso em: 18 nov. 2024.

Tata Mulambo, mais mulher que muito ômi

É sete, é sete, todo exu só conta sete
É sete, é sete, todo exu só conta sete

Seu Marabô, na esquina ele é dotô
Tata Caveira vem com a mosca varejeira
Exu do Lodo faz o corpo tremer todo
De Maceió, pombagira não tem dó
Sete Cruzeiros acendeu seu fogareiro
Exu mangueira, na folha da bananeira

É sete, é sete, todo exu só conta sete
É sete, é sete, todo exu só conta sete

Dona Cigana dá um nó na caninana
No Cabaré, não mata porque não quer
Seu Tiriri, na porta de cemitério
Exu veludo, seu cabrito deu um berro
Seu Zé Pelintra, junto com seu Zé Pretinho
E Exu mirim são os donos do caminho

É sete, é sete, todo exu só conta sete
É sete, é sete, todo exu só conta sete

Isso é segredo, mais que isso eu não conto
Um gole, um trago, que já firmei meu ponto
Deu boa noite e já era madrugada
Me deu abraço, salve as Sete Encruzilhadas
O galo canta, ele diz que já é hora
Seu sete encruza se despede e vai embora
Seu sete encruza se despede e vai embora
Seu sete encruza se despede e vai embora
(Simas; Haddock-Lobo, 2024b)

Depois disso, como todo Exu, só posso dar “boa noite, moço; boa noite moça!”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERGSON, Henri. *A evolução criadora*. Tradução: Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia 2*. Volume 1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. *Mil Platôs – Capitalismo e esquizofrenia 2*. Volume 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DIÓGENES, Laértios. *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*. Tradução: Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1997.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Os fantasmas da colônia*. Rio de Janeiro: Ape Ku, 2020.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *Abre-caminho: assentamentos de metodologia cruzada*. Rio de Janeiro: Ape'Ku, 2022a.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *A epistemologia Dos Santos*. Em: *Ensaio Filosóficos*, v. XXVI, p. 7-16, dez. /2022b.

ROSA, João Guimarães. *Ficção Completa em dois volumes*. Volume 1. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994.

SANTOS, Maria Moura; SANTOS, Marcos Andrade de Souza. *A mística dos encantados*. Trairi, CE: Edições e publicações, 2020.

SANTOS, Marcos Andrade de Souza. *Os encantos de Maria Toinha*. No prelo.

SERRES, Michel. *Atlas*. Tradução: João Paz. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

SIMAS, Luiz Antonio; HADDOCK-LOBO, Rafael. No dia que eu batizei. Intérprete: Fabiana Cozza. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/2XcPTVrPF7ylk4GkpDyB1p?si=6039964e45234725>. Acesso em: 18 nov. 2024.

_____. Sete no xote. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/5tlvsns9yrqHPDM39HeNpg?si=7d141db78de14dbe>. Acesso em: 18 nov. 2024b.

STENGERS, Isabelle. *No tempo das catástrofes - Resistir à barbárie que se aproxima*. Tradução: Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

TADEU, Tomaz (org. e trad.). *Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

YEMONJÁ. Mãe Beata de. Carço de dendê. A sabedoria dos terreiros. Rio de Janeiro: Pallas, 2023.